

# Otávio Bandeira acha que saída para economia está no mutirão

Mosul 23 JUL 1982

Arquivo — 16.3.78

JORNAL DO BRASIL  
empresarial

A saída para a economia brasileira está no mutirão, na união de pequenos e médios empresários. É o que pensa o presidente das Empresas Reunidas de Reparos Navais S/A, Otávio Bandeira Mendes da Silva, que reuniu 11 firmas para montar uma carreira destinada a consertar barcos de apoio às atividades petrolíferas, num investimento de Cr\$ 140 milhões, capaz de ocupar 300 pessoas.

Ex-marinheiro do encouraçado Minas Gerais e do caça-submarinos Piraí, Otávio Bandeira não gosta de ouvir falar em crise, num país que tem mercado interno de 120 milhões de pessoas e é auto-suficiente em energia elétrica e alimentos: "Crise? Que crise? Há apenas 40 anos atrás eu ganhava 150 mil réis, que mal davam para pagar um quarto na Rua do Acre. Saímos para enfrentar os submarinos inimigos sem saber se voltávamos. Hoje estamos montando uma carreira para barcos de até 6 mil toneladas e queremos comprar um dique flutuante para reparar navios de até 45 mil toneladas, no exterior ou em estaleiro nacional."

## Uma experiência

Quando deixou a Marinha de Guerra, Otávio Bandeira foi trabalhar como técnico de máquinas, aproveitando as lições aprendidas durante o conflito mundial. Em 1962 montou seu primeiro negócio, o estaleiro Cometa, em Niterói. Daí a entender que a união faz a força, também nos negócios, foi só uma questão de oportunidade: em 1977 liderou o movimento que culminou com o registro da sociedade anônima Empresas Reunidas de Reparos Navais.

Inicialmente ele e seus 10 associados



Otávio Bandeira Mendes da Silva

representavam um acervo de 11 oficinas, nas quais trabalhavam 13 engenheiros, 40 técnicos e 1 mil 200 operários. O capital da Reunidas, hoje de Cr\$ 60 milhões, foi dividido igualmente entre os 11 sócios. Agora o pernambucano de São Lourenço do Mato, aos 60 anos, parte para novas realizações:

— Essa carreira que estamos pondo em funcionamento no Caju, em área de nosso associado, o estaleiro Ferca, permite reparar barcos de até 6 mil toneladas de porte bruto. O investimento, de Cr\$ 140 milhões, foi possível porque reinvestimos o lucro de nossas empresas em regime de mutirão. Se fossemos tomar esse dinheiro emprestado, num banco, o negócio seria inviável, com os

juros que estão cobrando, de 140%. A saída, para a economia brasileira, está no mutirão. Em São Paulo um grupo de pequenos supermercados já está fazendo isso, investindo em conjunto na armazenagem e compra dos produtos. Se a pequena empresa se unir, com algum apoio do Governo, não haverá crise no Brasil. E se fará frente a duas formas avassaladoras de conquista do mercado: as estatais e as multinacionais.

Para o empresário, o que falta ao Brasil, nesse momento, "é uma definição".

— Vivemos trocando programas, de acordo com os acontecimentos. É preciso estabelecer um programa em função dos objetivos históricos nacionais.

Mas há algumas coisas preocupando Otávio Bandeira Mendes da Silva, que é, também, presidente da Associação das Empresas de Reparos e Equipamentos Navais do Estado do Rio de Janeiro.

Uma delas é o aterro da Baía da Guanabara que, segundo seus cálculos, nos últimos cinco anos recebeu clandestinamente mais de 7 milhões de metros quadrados de terra — quase a mesma extensão do Aterro do Flamengo, feito pelo Governo carioca.

Outra, a promessa ainda não cumprida de dragagem do Canal de São Lourenço, em Niterói, junto ao qual estão instaladas 25 firmas reparadoras de embarcações, empregando 5 mil pessoas. E, por fim, o temor de que a Prefeitura de Niterói demore demais a liberar os Cr\$ 50 milhões para a instalação da escola de formação e reciclagem de operários navais do Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), prometidos por Moreira Franco.